

Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial - Rio de Janeiro - outubro 2003

MESA 3 – A experiência psicanalítica e a cultura contemporânea

Fala de Eduardo Losicer na coordenação da mesa 3

Muito bom dia pra todo mundo. Meu nome é Eduardo Losicer. Bom, vocês sabem, para nós, cariocas, ainda mais se somos nascidos na Argentina, o sábado de manhã é um dos melhores momentos da semana e isto me dá um motivo a mais para congratular-me com vocês que mostraram vontade de compartilhá-la juntos. Podemos dizer que alguma coisa acontece no Rio quando uma pequena multidão de 600 pessoas se junta fora das praias ainda mais se a multidão tem bons motivos, como acho que nós temos.

Então agradecemos aqui a presença dos leitores Valter Evangelista, aqui à minha esquerda, de Belo Horizonte, o Daniel Kupermann, na outra ponta, do Rio, Luis Hanns, de São Paulo e Angélica Teixeira, da Bahia. Tenho que avisar também que Sérgio Benvenuto, da Itália, avisou que não podia vir, não podia comparecer. Então não contamos com ele. Vou, pois, abrir esta terceira mesa de leituras com uma rápida intervenção. Serão apenas 5 minutos.

Queria lembrar da boa "sacada" do Osvaldo Saidón que ontem nos revelou que, além das três famosas tarefas impossíveis: governar, educar e curar, a função leitor seria a quarta. Esta tarefa, fomos nós mesmos que inventamos e por isto não podemos nos queixar. Mas, na verdade, não nos queixamos porque hoje podemos dizer que assim como as outras tarefas, a função leitor é impossível, mas funciona.

Sabemos que ainda faltam mais duas mesas, mas acho que já temos provas para poder afirmar o essencial. Leitores e autores se reconheceram mutuamente, mesa e assembléia potenciaram os debates e até nos atreveríamos a dizer que esta pequena multidão funcionou como resistência ao "império do instituído". Dito assim, parece grandiloquente demais, mas isto não é algo que acontece todos os dias entre os psicanalistas. Se "escutar" entre si e se "ler" entre si, é isto o que está acontecendo.

No início, o movimento psicanalítico era necessário porque o mundo resistia à psicanálise. Na atualidade, "nosso" movimento é para tratar do psicanalista resistindo ao mundo. Como os analistas lêem o mundo hoje? Assim, na primeira mesa, tratamos da sua implicação com a política e o Estado, mas também começamos a tratar desta nova política dos analistas entre si. Impossível? Talvez. Mas, por enquanto, a função leitor funciona.

Sobre isto posso dar desde já meu testemunho pessoal. Ontem, Emílio Modena, nosso amigo da Suíça, disse que no meu texto, que ele tinha lido, eu parecia aborrecido quando respondia a certas comparações entre o mundial de Paris e o mundial do Rio, questão que uma colega havia levantado, no questionamento que ela tinha feito. Na verdade, eu tinha escrito que estava, a respeito da leitura deste texto, simpaticamente instigado com as questões postas por ela, mas o Modena, que é tão psicanalista quanto eu, leu que eu estava na verdade aborrecido. Não faz mal, pensei, sem protestar, porque momentos antes o colega tinha me procurado para dizer, num aperto de mãos, que tínhamos um hábito comum que permitia perfeitamente discutir as nossas diferenças. Instigados ou aborrecidos, a gente soube "se ler" em comum. Eu me senti grato a nosso comunismo.

Bem, hoje, a leitura é sobre os trabalhos que falam da experiência psicanalítica e a cultura contemporânea, ou seja, a leitura sobre o que o analista faz. Como veremos agora, não se trata apenas da velha e boa clínica psicanalítica, mas dos seus impasses e principalmente de suas invenções. Mesmo que pareçam impossíveis. Então, eu vou passar a palavra para o Valter que vai nos falar coisas interessantes sobre a tradução.